



Jornalismo e a realidade de segunda ordem: subjetividade à luz de Heinz von Foerster¹

Karenine Miracelly Rocha da CUNHA²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Os cânones do jornalismo atribuem a esta atividade neutralidade e imparcialidade e proclamam a reprodução dos fatos observados com fidedignidade. A realidade de segunda ordem, de Heinz von Foerster, é usada para explicar como cada jornalista pode observar um fato de maneira diferente e construir seu conhecimento de modo particular. O mesmo ocorre com o receptor das notícias divulgadas pela mídia, também observador do mundo, porém de uma maneira mediada, que não é passivo no processo comunicativo, capaz de construir a realidade à sua maneira.

Palavras-chave: Comunicação midiática, notícia, representação

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o conceito de subjetividade em Heinz von Foerster e como tal acepção pode ser útil na compreensão do jornalismo como sistema de comunicação. Para tanto, fizemos uma pesquisa bibliográfica em fontes primárias (FOERSTER, 1994) e secundárias (em sua maioria, devido à inexistência de traduções brasileiras de obras do autor no Brasil), compostas por interpretações do pensador austríaco feitas por Ciro Marcondes Filho (2002, 2004, 2006) para resgatar os pensamentos de Heinz von Foerster e relacioná-los ao jornalismo.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação (ECA-USP), faz parte do Filocom (Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação). É mestre em Comunicação Midiática (Unesp-Bauru) e jornalista. Coordena o curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo do UniToledo (Centro Universitário Toledo) e é professora concursada da Fatec (Centro Paula Souza), ambos de Araçatuba (SP). E-mail: karenine.prof@toledo.br.



A percepção da realidade e o conceito de verdade há tempos permeiam os paradigmas científicos dominantes em cada época, inclusive os adotados na Teoria da Comunicação. Portanto, o jornalismo enquanto prática que representa a realidade não poderia ficar de fora dessa discussão. Dependendo da corrente filosófica da história do pensamento humano, deu-se importância a um ou a outro pólo. Antes de analisarmos o jornalismo à luz das idéias de Heinz von Foerster, vamos passar por um breve resumo das percepções de realidade desenvolvidas por pensadores que influenciaram o conhecimento humano.

Platão, que pode ser considerado um dos precursores da metafísica, afirmava que os homens em sociedade vêem o mundo falsamente – daí a tônica do célebre Mito da Caverna. Ou seja, a realidade seria composta por simulacros. Numa comparação com o momento atual, caberia ao pesquisador identificar esses simulacros. Na Grécia antiga, a corrente sofista notabilizou-se por reconhecer a impossibilidade do conhecimento do ser – no jornalismo, equivaleria ao fato, antes deste transformar-se em notícia. Como consequência dessa deficiência, somente é possível ter opiniões subjetivas sobre a realidade, segundo os sofistas. O que justificaria o uso da linguagem como instrumento de persuasão. Assim, a verdade sobre a realidade é uma questão de opinião e de persuasão. A linguagem ocupa, portanto, lugar de destaque, acima da percepção. O filósofo Ludwig Wittgenstein ressaltou que a linguagem não é a captura conceitual da realidade, mas um jogo – daí a expressão jogos de linguagem utilizada por ele. O significado aparece nos diferentes usos sociais, o que remete ao pensamento do russo Mikhail Bakhtin, para quem o signo tem um caráter ideológico.

No século 18, o alemão Immanuel Kant afirmava que o que se conhece são apenas os fenômenos, ou seja, os objetos tais como eles aparecem para nós, mas não como eles são em si mesmos. Para ele, o conhecimento não é dado nem pelo sujeito nem pelo objeto, mas pela relação que se estabelece entre esses dois pólos. Desse modo, a objetividade seria uma representação correta da realidade. Ou seja, ao contrário do que muito se sustenta ainda hoje, não seria um conhecimento que existe independentemente do sujeito. Portanto, em Kant, a objetividade não é o mundo em si, o oposto ao mundo aparente e ilusório, visto que nunca um indivíduo saberá se tal representação corresponde ou não à apresentação da própria realidade.

O filósofo austro-húngaro Edmund Husserl também se ocupou, no final do século 19 e início do século 20, em estudar como o mundo é captado: a *fenomenologia*, variante do pensamento empírico, torna-se uma vertente preocupada com a observação e



descrição rigorosa do fenômeno (que se manifesta, aparece aos sentidos ou à consciência). Para ele, as idéias de um indivíduo representam o mundo que é designado por realidade transformando-o em um objeto de conhecimento. Por analogia, dá-se o mesmo com a notícia, que é embasada pelo consenso entre jornalista e audiência, numa atitude bem próxima da acepção de Jürgen Habermas, para quem a ação comunicativa é intersubjetiva, ou seja, utiliza-se a linguagem para atingir o consenso.

Niklas Luhmann, sociólogo alemão que reconheceu a influência dos meios de comunicação sobre os acontecimentos sociais, considera que as “notícias e reportagens pressupõem indivíduos como observadores cognitivamente interessados, que só consideram aquilo que lhes é apresentado” (2005, p. 122) Afirma também que “a realidade dos meios de comunicação é uma realidade da observação de segunda ordem.” (2005, p. 141). Dessa forma, os meios de comunicação operam uma construção da realidade, o que não quer dizer que ela precise ser consensual.

O biólogo chileno Humberto Maturana opõe-se ao pensamento objetivista atual. Em contrapartida, sugere a chamada objetividade entre parênteses - que poderia ser muito bem designada como objetividade entre aspas, como é praxe referir-se, no jargão popular, a expressões em sentido conotativo. Para ele, os seres humanos operam, como observadores ao fazer distinções na linguagem³.

Maturana avalia que, na comunicação, a percepção não pode ser avaliada como um processo de captação de informações objetivas. Daí sua célebre frase “tudo o que é dito, é dito por um observador”, que evidencia que não há realidade independentemente do observador. Diante disso, a percepção, incluindo a que é realizada por meio do jornalismo, consiste na configuração que o observador faz de objetos percebidos. Ou seja, as notícias são percepções (que incluem seleções de um dado enquadramento) do fato criadas pelo jornalista enquanto observador.

2. Heinz von Foerster e a instância do observador

Na comunicação, é decisiva a interferência daquele que observa, conforme análise do biólogo, físico e matemático austríaco Heinz von Foerster, considerado um dos criadores da Cibernética⁴. Mesmo oriundo da área técnica e com menor vocação

³ Os organizadores da obra *A ontologia da realidade*, que reúne textos de Maturana, endossam o caráter mitológico da objetividade jornalística: “Dizer-se neutro é só uma maneira de isentar-se da responsabilidade do mundo que configuramos em nosso viver na linguagem com outros seres humanos.” (MATURANA, 1997, p. 17).

⁴ Heinz von Foerster (1911-2002) fez parte do chamado Círculo Cibernético, nome dado ao grupo formado nos Estados Unidos a partir da década de 40. Von Foerster ingressou no grupo em 1949. Antes disso, teve contato com o Círculo de Viena, concentração formada em 1924 e que reuniu teóricos de várias áreas científicas (físicos,



para as reflexões filosóficas, von Foerster apresenta um olhar humanizado para a área cultural, respondendo por uma proposta de teoria da comunicação bem próxima à Teoria dos Sistemas⁵. Para ele, a realidade forma-se a partir de uma observação (a chamada observação de segunda ordem) feita sobre o primeiro ato de observar. Daí o conceito de cibernética de segunda ordem, desenvolvido por von Foerster (1994), que busca explicar a auto-organização nos sistemas de comunicação. Ele considera que não existe uma realidade que não se forme pelos processos cognitivos de construção do observador. Ou seja, para von Foerster, o que é observado é instituído pelo observador.

Enquanto biólogo, von Foerster era um estudioso do cérebro e de como as percepções são trabalhadas por essa estrutura. De acordo com ele, o cérebro constrói o mundo, a realidade e os objetos a partir de uma posição privilegiada ocupada pelo observador em todo processo. Dessa forma, enquanto um indivíduo observa uma coisa, ele interfere no processo, uma vez que não é possível conceber o observador em separado do objeto analisado. O mundo externo transmite intensidades de energia (sinais, nas palavras de von Foerster): as coisas ao redor do indivíduo são intensidades; é o cérebro que as traduz como um objeto ou fatos. Logo, tudo o que o indivíduo percebe do mundo é um tratamento feito pelo seu cérebro sobre essa realidade.

Portanto, perceber é construir. Tal idéia refere-se ao Construtivismo: o ser humano observa o mundo e o reconstrói. Temos aqui uma idéia de construtivismo não restrita ao sentido desenvolvido por Jean Piaget, que aplicou esse conceito ao desenvolvimento psíquico-pedagógico infantil⁶. O mundo em construção explicado pelo Construtivismo tornou-se lugar-comum nos estudos da comunicação - por exemplo,

matemáticos, filósofos, etc.) ocupados em fazer uma releitura do discurso filosófico. Os estudiosos do Círculo de Viena reuniram-se em Nova Iorque entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e começo dos anos 50. Tem-se, então, uma leitura da tecnologia a partir da comunicação. No campo da comunicação, o Círculo Cibernético representou um grande avanço teórico, visto que até o final da primeira metade do século passado, o que havia enquanto Teoria da Comunicação eram críticas culturais (a Escola de Frankfurt, na Alemanha, pode ser considerada como um exemplo, pois criticava as novas tecnologias da época). De maneira concisa, a cibernética pode ser caracterizada como o estudo dos sistemas e mecanismos de controle automático, regulação e comunicação nos seres vivos e em máquinas. O matemático norte-americano Norbert Wiener (1894-1964) é considerado seu fundador.

⁵ Teoria desenvolvida por vários estudiosos, nem sempre pertencentes à comunicação de modo autóctone. Sistema pode ser definido como um todo organizado por elementos interdependentes que está rodeado por um meio exterior. Cada estudioso dos sistemas – entre os mais destacados estão Norbert Wiener, os chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela (1946-2001), os engenheiros Claude E. Shannon (1916-2001) e Warren Weaver (1894-1978), e o alemão Niklas Luhmann – avaliou a comunicação a partir de elementos-chave, o que diferencia uma teoria ou um pensamento do outro.

⁶ Construtivismo é uma corrente teórica da Psicologia do Desenvolvimento cujo maior expoente é o biólogo suíço Jean Piaget. A abordagem construtivista aponta que as estruturas cognitivas de um indivíduo são construídas no decorrer de seu desenvolvimento, ou seja, a inteligência humana é determinada pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. São duas premissas: o ser humano não nasce inteligente; e o indivíduo não é passivo sob a influência do meio (como pregava a Escola de Frankfurt), isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. Na Pedagogia, o Construtivismo é considerado uma tendência educacional nos dias hodiernos, justificada no bordão de que o indivíduo tem que “aprender a aprender” e assim construir o próprio conhecimento.



Luhmann, amigo pessoal de Heinz von Foerster, radicalizou tal idéia ao afirmar que “aquilo que sabemos sobre nossa sociedade, ou mesmo sobre o mundo no qual vivemos, o sabemos pelos meios de comunicação.” (LUHMANN, 2005, p. 15).

O construtivismo em von Foerster adiciona a circularidade de processos recursivos mais a auto-referência. Isso significa que os processos comunicacionais são circulares e até se repetem: um indivíduo explica as coisas segundo o instrumental cognitivo que possui. Em outras palavras, ele só entende o que pode ser explicado; muitas coisas acontecem e nem são percebidas por este indivíduo, conforme postulou Wittgenstein: “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 385)

Por isso, a realidade não é algo absolutamente estranho, visto que deve ser encarada como uma instância que os indivíduos ajudam a construir. Aqui, incluem-se até mesmo os profissionais da comunicação jornalística, preocupação deste trabalho, no sentido de que eles (os jornalistas que compõem a cadeia da produção da notícia) também ajudam a construir os relatos jornalísticos.

Para von Foerster, o mundo externo transmite intensidades de energia – daí sua teoria ser considerada cibernética de segunda ordem. As formas, cores e texturas que vemos, por exemplo, não existem; o que há na natureza são intensidades (os seres humanos recebem ondas de intensidade que são transformadas em calor, cor, forma, etc.). Ou seja, o mundo ao nosso redor é composto por sinais. Em princípio, todos nós emitimos sinais o tempo todo, dada a organização da vida social. Quando não há interesse pelos sinais, eles não deixam o plano das meras intensidades. No entanto, no momento em que há um interesse por eles, há uma transformação dos sinais em informação. Numa lógica heiddegeriana, o sentido passa a ser fenomenológico, ou seja, quem o constrói é quem o recebe a informação, conforme seu interesse, intencionalidade (num contexto husserliano, que preconiza que a realidade só adquire sentido por um trabalho da consciência individual) e até curiosidade em incorporá-la.

Partindo dessa idéia, Luhmann considera que os indivíduos são sistemas fechados que fazem contatos – em sua terminologia, os chamados acoplamentos estruturais – com o mundo exterior, mesmo que ele não os atinja. Para ele, o mundo externo existe, embora nem sempre seja “capturado” pelas estruturas cognitivas do indivíduo.

O indivíduo observador porta-se, pois, em um terceiro nível ao observar o acoplamento. Na comunicação jornalística, temos um exemplo claro: os noticiários



televisivos observam o mundo externo e o traduzem para sua audiência através da linguagem e das técnicas próprias do jornalismo. Isto é, o jornalismo separa o que é notícia do que não interessa, refabricando no interior desse sistema o que vê. A Justiça traduz o mundo e as relações entre os indivíduos em leis. O mesmo ocorre com outros sistemas, como a Economia e as religiões. E mais: os sistemas observam-se uns aos outros.

3. A objetividade jornalística (ou a inexistência dela)

Tradicionalmente, usou-se tratar o jornalismo - ou melhor, as notícias, produtos da atividade jornalística – como a transcrição do real. Dessa maneira, tal atividade seria pautada pelo método do espelho ao refletir fielmente a realidade. Ciro Marcondes Filho (2002b, p. 11) escreveu que tal acepção do jornalismo deve ser compreendida como resultado da Revolução Francesa, por ocasião da Ideologia das Luzes que cria o mito da transparência para a sociedade e para a prática do jornalista. Arbex Júnior (2003, p. 21) argumenta que, com essa prática, o jornalismo “divulga mentiras legitimadas pela mitologia da neutralidade e do distanciamento do jornalismo objetivo”.

Tal modelo parece ingênuo, ainda mais se analisado por novas teorias da comunicação, como é o caso do pensamento de von Foerster (ainda que, cronologicamente falando, não seja tão novo assim). Pereira Júnior (2006, p. 15) reconhece que os fatos são sempre uma reconstrução, não um retrato da realidade; uma leitura *sobre* e não *do* mundo:

O produtor de informação nunca é um só. No ciclo de produção da notícia, atuam sujeitos, veículo, convenções da rotina profissional e interesses corporativos. Há hierarquias, filtros, barganhas, hábitos incorporados, improvisos forçados pela pressão do fechamento, que tornam a informação resultado de uma manufatura, uma manipulação em cadeia. [...] O jornalismo é espelho sim, não dos fatos, mas dos agrupamentos humanos em que eles se disseminam (sociedade, organização empresarial, membros do campo jornalístico).

Percebe-se, pois, que na prática jornalística, a venerada realidade é fugidia. O que o jornalista faz, mesmo que involuntariamente, é observá-la e representá-la, em segunda ordem, como explica a instância do observador de von Foerster. “O aparato de



observação (ou o próprio observador) altera aquilo que é observado”, afirma Pereira Júnior (2006, p. 59) a respeito da interferência do jornalista na construção da notícia.

A adaptação nunca é total. Logo, o jornalismo é uma seleção de fatos, uma representação. Enquanto indivíduo, o jornalista observa o mundo e o reconstrói, na perspectiva do construtivismo adotado por von Foerster. O que se tem são enquadramentos do mundo externo processados pelas estruturas cognitivas do jornalista, e não o mundo em si. Essa concepção de representação pode ser ilustrada pela fala de Pereira Júnior (2006, p. 19) quando diz que a matriz da notícia não é a realidade, mas a percepção:

não vemos a realidade quando lemos um texto, navegamos pela internet, vemos a TV, ouvimos o rádio. Com a matéria jornalística, ficamos diante de uma certa forma de contar os fatos, o que significa que eles passaram a dançar conforme o ato de conta-los. [...] A notícia encurta trechos expositivos, estica outros, relembra episódios correlatos ou suprime momentos inteiros. Tudo para caber no espaço destinado a ela, ser feita no prazo predeterminado.

Isso se considerarmos apenas o processo de construção da comunicação feita pelo jornalista (ou pela hierarquia de jornalistas que processam o fato em notícia⁷). As teorias do *newsmaking* e *gatekeeping* consideram uma série de ações pelas quais passam as notícias durante o processo de filtragem do real. Essas ações são de natureza pessoal do jornalista, organizacional da empresa a qual ele pertence enquanto funcionário, ideológica, cultural, histórica, tecnológica, estrutural, etc. Elas incidem de maneira direta sobre a notícia enquanto um produto de percepção de um indivíduo observador da realidade. Sobre isso, Pereira Júnior (2006, p. 25) complementa que

Os acontecimentos são, assim, produtos de estratégias. Aquilo que se considera como o real começa a virar ‘fato’ ao ser ‘enquadrado’ por certas convenções e procedimentos. Para ‘acontecer’, a ‘realidade’ tem de ser embalada, codificada, alvo de decisões e exclusões, produto de procedimentos. O acontecimento jornalístico é uma versão que se tornou padrão.

⁷ Hernandez (2006, p. 23-24) distingue acontecimentos de fato e de notícia. O primeiro refere-se a qualquer fenômeno, enquanto as outras duas instâncias incorporam visões de mundo. Além dessa visão, a notícia diferencia-se do fato porque reúne características valorativas que a elegem como tema para determinada mídia noticiosa.

Quando considerado o leitor, telespectador, ouvinte ou internauta – as instâncias receptoras da notícia – a construção será outra. Segundo von Foerster (1994, p. 280), o indivíduo só vê o que pode explicar, à semelhança da afirmação de Wittgenstein citada anteriormente. Ou seja, o que ele vê remete à sua consciência; ele próprio é responsável pela informação que cria e define como tal: o mundo só existe quando ele é percebido e associado com a vivência de quem o percebe. Portanto, a grande quantidade de notícias que caracteriza o jornalismo pós-moderno não representa muito em termos de comunicação, uma vez que a informação é definida pelo indivíduo (tudo o que existe, o é porque o indivíduo se interessa por ele).⁸

Daí a importância do conceito de intencionalidade e o emprego da Fenomenologia para entender a comunicação jornalística: para que o fato seja transformado em informação, é preciso que haja intencionalidade por parte de quem o percebe, isto é, ele é “captado” segundo os critérios do indivíduo envolvido no processo comunicacional (tanto o jornalista, em contato com o fato a ser transformado em notícia, quanto o receptor dela). A notícia é, portanto, o fato percebido e como ele aparece nos media noticiosos.

Von Foerster afirma que “as características que supostamente são dadas nas coisas mostram-se como características do observador.” (1985 apud MARCONDES FILHO, 2006, p. 38). Revisando a obra de von Foerster, Marcondes Filho afirma que “não há objeto, estes só representam relações. Objetos e acontecimentos não são experiências primitivas mas representações de relações.”

A informação é, pois, um processo de seleção, que envolve decisões (podem até ser automáticas e inconscientes). A informação difere-se dos sinais da realidade externa considerados por von Foerster, embora ela seja formada a partir deles. O ponto cego de sua teoria está justamente aqui: como classificar o processo em que o indivíduo defronta-se com informações involuntariamente?

Sobre isso, Pereira Júnior afirma que a realidade é alterada pelo jornalista (observador) antes mesmo da intenção deliberada de distorcer. O jornalista é um mediador, um intérprete, que cria um simulacro, que é a imagem percebida pelo

⁸ Estudando os textos de von Foerster, Marcondes Filho (2006, p. 45) diz que o indivíduo só atribui o valor de informação àquilo que lhe interessa em dado momento. Segundo ele, para von Foerster, a informação é um conceito relativo que só adquire significado quando relacionado à estrutura cognitiva do observador dessa manifestação (do receptor). A informação é criada, fabricada. Ela é diferente do mero sinal. No Jornalismo, os dados obtidos durante a apuração podem ser considerados os sinais, enquanto a informação é a reportagem, ancorada em um enquadramento específico.



observador do observador (o receptor de notícias em relação à hierarquia de produção delas). Para ele, “o trabalho jornalístico é o de apresentar a versão pertinente. [...] Os limites da interpretação são sociais, econômicos, políticos e culturais. São *formalmente* ideológicos.” (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 30 e 32. grifo do autor)

É aí que nasce e ganha impulso o mito da objetividade jornalística. Para Hernandes (2006, p. 30),

a objetividade é um dos recursos jornalísticos para se tentar ‘apagar’ o modo pelo qual a realidade foi filtrada a partir do sistema de valores do jornal que, como empresa ou parte de um conglomerado de informação, não quer se revelar como um ator social atuante interessado nos aspectos sociopolíticos e nas conseqüências do que notícia.

Von Foerster mostra que, ao representar a realidade a sua maneira, o jornalista não é um observador passivo. Da mesma maneira, cria-se novas formas de recepção porque o sistema todo não é passivo: o receptor das notícias pode ou não “captar” ou até mesmo modificar a incorporação do enquadramento passado pela notícia. Isto é, a interferência daquele que observa primeiro a realidade na comunicação jornalística não requer a passividade do receptor, embora seja regra – inclusive de sobrevivência para os media – que o receptor confie no repórter, que é a testemunha dos fatos ao observar a realidade.

Enquanto mediador, o jornalista observa a realidade no lugar do receptor, ao qual caberá, em outro momento, observar a observação feita a priori. Há um contrato fiduciário: o simulacro construído pelo jornalista tem efeito de realidade ao esconder a arbitrariedade das suas escolhas durante sua observação do mundo externo, transposto para as páginas de jornais e revistas, tela da TV, ondas de rádio ou interface digital. Nesse sentido, Hernandes (2006, p. 18) defende um compartilhamento de interesses manifestos ou não durante o processo comunicacional:

Na comunicação, os participantes se constroem (sic) e constroem, juntos, o objeto jornal. O público é, portanto, co-autor. Um autor leva em consideração as expectativas e as prováveis reações de quem vai receber o texto para construir um discurso com a eficiência desejada. Nesse sentido, o ‘receptor’ também participa da comunicação.



Von Foerster vai além: para ele, tem-se nesse processo sistemas fechados, ou seja, os receptores são como caixas-pretas (MARCONDES FILHO, 2002a, p. 88), o que impossibilita apontar com antecedência o que se passa em suas estruturas cognitivas. A atribuição do sentido, portanto, vem de fora. O observador (receptor de notícias) não vê o que ficou de fora do recorte da realidade, como também não enxerga que não enxerga essa realidade, parafraseando Marcondes Filho (2004, p. 424). Há coisas que existem e o indivíduo não percebe. Analisando a obra de von Foerster, o professor da USP explica, em outro momento, que

não sendo os objetos e os acontecimentos experiências primárias, não tendo eles nenhum estatuto objetivo, toda teia de relações que os envolve, todo o ambiente externo também não passa de algo também meramente pessoal. Assim, não existe a realidade externa, é nosso cérebro, através de seus procedimentos de cálculo, que a institui para si mesmo. A realidade passa a ser, assim, uma realidade que o sistema calcula como sendo uma realidade estável. (MARCONDES FILHO, 2006, p. 35)

Segundo Hernandez, essa omissão deve-se ao fato de que para a realidade real ser transformada em realidade artificialmente criada a partir da percepção do observador ocorre um processo de três fases: pinçagem ou escolha do que é relevante; remontagem do real em um determinado enquadramento; e esquecimento ou negação do que não foi selecionado.

Neste sentido, cabe uma relação com as reflexões de Robert Entman (1994), autor do conceito de *framing* (traduzido como enquadramento), para quem enquadrar uma notícia consiste em selecionar certos aspectos da realidade e os tornar mais salientes no conteúdo da mídia, de tal forma a promover um problema, uma interpretação, uma avaliação moral ou a recomendação de tratamento para o tema descrito. Segundo Entman, os enquadramentos diagnosticam, avaliam e prescrevem os conteúdos das notícias. Trata-se de uma retórica oculta, implícita no texto jornalístico (verbal e não-verbal), que direciona a uma leitura específica do fato noticiado por parte da audiência.



4. À guisa de uma conclusão

Tomando-se o jornalismo em sua acepção vulgarizada de informação (a notícia, matéria-prima dessa atividade profissional, baseia-se na novidade a ser informada), considera-se que ele resulta de uma relação, como preconiza Heinz von Foerster ao refletir sobre a comunicação. Afinal, é preciso engendrar uma seleção a fim de definir-se o que é informação, muitas vezes com a participação, mesmo que indireta, do leitor (no caso do jornalismo impresso). Para sintetizar, podemos lançar mão de uma comparação: uma biblioteca não disponibiliza informação, visto que essa é fruto da seleção efetuada pelo leitor, outra instância da comunicação.

A objetividade jornalística deixa de ser dogma e se transforma em utopia quando se leva em conta que a notícia é uma representação do real, ou seja, produto da percepção do jornalista e de toda a rede de produção da notícia na qual ele está inserido. Todo nosso saber e conhecimento é necessariamente enviesado. O mundo ganha sentido quando os indivíduos voltam-se para ele. Em última instância, as coisas são como a vemos, incluindo aqui o que o jornalismo ostenta como informação objetiva.

Mesmo as manifestações consideradas mais imparciais, como é o caso da fotografia e das imagens de televisão, também passam pelo crivo da seleção e do enquadramento. Afinal, o ajuste de ângulos compõe a linguagem final da foto. No jornalismo, a edição começa na escolha e orientação das pautas e não nos cortes do texto acabado. Com o fotojornalismo não é diferente: a edição começa com o ajuste de ângulos; depois, o que se tem é uma mera escolha da imagem com mais qualidade ser impressa. E mais: a imagem não é o que foi retratado, mas um ângulo, muitos vezes obtidos com o uso dos recursos tecnológicos da fotografia digital. É possível fazer uma analogia como a obra *Traição das Imagens*, do pintor René Magritte, de 1929, em que ele adverte que a pintura de um cachimbo *n'est pas une pipe*: por mais que se pareçam, cachimbo e pintura são instâncias diferentes, ou seja, essa é uma alegoria daquele e, portanto, é simbólica.

Como realidade de segunda ordem, conforme acepção de von Foerster, o jornalismo é subjetivo em toda a sua extensão. Mais importante que isso – reconhecendo-se que essa conclusão não tem nada de inédito e é apontada inclusive por leigos – é ressaltar que a subjetividade do jornalismo, como ocorre em qualquer acontecimento comunicacional, não é isolada. Assim, a subjetividade jornalística está



ligada à alteridade. Daí a importância do observador, como bem notou Heinz von Foerster.

Referências

ARBEX JÚNIOR, J. **O jornalismo canalha**: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

ENTMAN, R. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. In: LEVY, M. e GUREVITCH, M. (org.). **Defining media studies**. Nova Iorque: Oxford University Press, p. 293-300, 1994.

FOERSTER, Heinz von. **Wissen und Gewissen**: Versuch einer Brücke. Frankfurt: Suhrkamp, 1994.

HERNANDES, N. **A mídia e seus truques**: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MARCONDES FILHO, C. **O escavador de silêncios**: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **O espelho e a máscara**: o enigma da comunicação no caminho do meio. São Paulo: Discurso Editorial, 2002 (a).

_____. **Comunicação e Jornalismo**: a saga dos cães perdidos. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002 (b).

MARCONDES FILHO, C. O Círculo Cibernético e o detalhamento da pesquisa. In: KREINZ, G.; PAVAN, C. e MARCONDES FILHO, C. (orgs.) **Círculos crescentes**: pesquisa e história na divulgação científica brasileira. São Paulo: NJR-ECA-USP, 2006. p. 31-67.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

PEREIRA JÚNIOR, L. C. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.